



GOTAS DE HISTÓRIAS: MÁRCIA KAMBEBA REGISTRA A MEMÓRIA ANCESTRAL DOS OMÁGUA/KAMBEBA

DROPS OF HISTORY: MÁRCIA KAMBEBA RECORDS THE ANCESTRAL MEMORY FROM THE OMÁGUA/KAMBEBA

Paulo Marcelino dos Santos¹

Elizabeth Gonzaga de Lima²

RESUMO

Márcia Kambeba, integrante do povo Omágua/Kambeba, é uma multiartista que utiliza palavra e imagem (poesia e fotografia) para registrar e divulgar a cultura dessa nação, assim como para se posicionar frente ao pensamento hegemônico ocidental, que subjuga os indígenas e seus saberes. Dessa maneira, sua produção poética tem registrado a relação que se estabelece entre a natureza, a memória e a história de sua etnia. O trabalho examina os poemas “O tempo do clima”, “Gota pequena” e “Aldeia Tururucari-Uka”, a fim de analisar a conexão estabelecida pela escritora e por seu povo com o tempo da natureza (ANTILEO, 2019), a memória cultural (JECUPÉ, 2020) e a história (BENJAMIN, 1987), apontando a necessidade de abertura para a diversidade de saberes e a autodeterminação histórica dos povos originários. Márcia Kambeba desenvolve uma poética que valoriza e visibiliza a cultura do povo Omágua/Kambeba, em contraposição ao olhar eurocêntrico, ao apresentar outras formas de narrar a história indígena, a partir de uma temporalidade atravessada por sua subjetividade artística e pela história e memória cultural de seu povo.

PALAVRAS-CHAVE: Márcia Kambeba, tempo cíclico, natureza, memória ancestral, história.

ABSTRACT

Márcia Kambeba, member of the Omágua/Kambeba people, is a multi-artist that uses word and image (poetry and photography) to record and publicize the culture of this nation, and also to make a stand against hegemonic western thought that subdues indigenous folks and their knowledge. Moreover, her poetic production has registered the relationship established between nature, memory and history of her ethnic group. This work examines the poems “O tempo do clima”, “Gota pequena”, and “Aldeia Tururucari-Uka” to analyze the connection determined by the writer and her people with the time of nature (ANTILEO, 2019), the cultural memory (JECUPÉ, 2020), and history (BENJAMIN, 1987), aiming the necessity of opening to the diversity of knowledge and the historical self-determination of original folks. Márcia Kambeba cultivates a poetics that gives value and brings visibility to the culture of the Omágua/Kambeba people, in opposition to the Eurocentric view, by presenting other ways of narrating indigenous history, from a temporality crossed by the author’s artistic subjectivity and by the history and cultural memory of her people.

KEYWORDS: Márcia Kambeba, cyclical time, nature, ancestral memory, history.

1 Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, na Universidade do Estado da Bahia (PPGEL/UNEB), sob orientação da Prof. Dra. Elizabeth Gonzaga de Lima. E-mail: oluaps2@gmail.com.

2 Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia, atuando na área de Literatura e como docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL/UNEB). E-mail: bethzaga@yahoo.com.br.

Introdução

Meus olhos percorreram olhos de parentes desamparados da própria história devido à morte ou ao silêncio de nossos velhos (JECUPÉ, 2020, p. 15).

Márcia Kambeba³, integrante do povo Omágua/Kambeba⁴, representa e divulga em seu fazer artístico a identidade de seu povo, destacando outras formas de relação com a temporalidade, ou seja, a história e a memória como formas de resistência e subversão a um modelo eurocêntrico, aspectos perpassados pela centralidade da natureza e da ancestralidade. Kambeba é reconhecida multiartista, em virtude de escrever poemas, compor, cantar, tocar e fotografar. Em sua arte poética, palavra (poema) e imagem (fotografia) se hibridizam para dialogar, tensionar e construir novas possibilidades por meio de seu aprendizado no território indígena, no contexto urbano e na academia. Na produção literária de Kambeba, é possível vislumbrar elementos da constituição da identidade Omágua/Kambeba, a partir da escuta das histórias contadas na aldeia por Ademar Tenazor, seu pai adotivo, por sua avó Assunta e por seus bisavôs Delma e Daniel: “Sou escritora porque ouvi meus avós e meus bisavós contar histórias” (KAMBEBA, 2021b, p.14).

As literaturas indígenas têm sido fundamentadas na memória ancestral, na tradição oral, na presença dos encantados (KAMBEBA, 2018b) e na resistência ao silenciamento e ao extermínio dos autóctones, em contraposição à forma como foram apresentados e representados pela historiografia ocidental e institucionalizada. Quem controla o discurso sobre a História, sobre o passado, sobre aquilo que, supostamente, tem relevância para ser narrado designa os sentidos para o tempo vivido. Paul Veyne (1998), ao investigar acerca da perspectiva historiográfica ocidental, por meio de uma abordagem foucaultiana, destaca algumas características da produção desse conhecimento. Assim, a história é apresentada como uma narrativa cheia de lacunas, incongruências, recortes temporais arbitrários ou baseados em fontes, documentos, testemunhos (presente em maior ou menor quantidade) e indícios.

3 Márcia Kambeba é mestra em Geografia Cultural, pela Universidade Federal do Amazonas, e doutoranda em Estudos Linguísticos, pela Universidade Federal do Pará, professora e palestrante. Márcia Vieira da Silva é seu nome de registro civil, mas ela utiliza o nome étnico Márcia Wayna Kambeba para assinar suas obras. Nasceu em 07 de março de 1979, no Alto Solimões, no estado do Amazonas, em uma aldeia Tikuna chamada Belém do Solimões. Ela é membro do povo Omágua/Kambeba. Na produção da escritora, destacam-se os seguintes livros de poemas: *Ay Kakyri Tama* (KAMBEBA, 2013; KAMBEBA, 2018a), uma espécie de releitura poética da sua dissertação de mestrado sobre sua nação; *O Lugar do Saber* (KAMBEBA, 2018c) e *O Lugar do Saber Ancestral* (KAMBEBA, 2021a); *Saberes da Floresta* (KAMBEBA, 2020a), livro com poemas e textos em prosa; e *Kumiça Jenó* (KAMBEBA, 2021b), com narrativas dos seres da floresta, do imaginário dos povos da região amazônica.

4 O povo Omágua/Kambeba é originário da Região Amazônica, com grande destaque nas crônicas dos primeiros séculos da colonização das Américas e com participação relevante na luta pela causa indígena atualmente. O nome Omágua, autodenominação desse povo, significa “cabeça de homem”, e o designativo Kambeba, cujo significado é “cabeça-chata”, faz referência à prática antiga dessa nação de achatar o crânio, sendo uma denominação, a princípio, atribuída por outros grupos e adotada por essa nação.

Nesse sentido, Veyne (1998) questiona, inclusive, a compreensão da história como ciência, comparando-a, em vários momentos, a um romance e destacando semelhanças entre essas narrativas: a seleção, a simplificação, a organização e a condensação, por exemplo, de um século em uma página, sendo impossível escrever a história total. O estudioso, ao questionar como o discurso historiográfico é construído, de certa forma, dessacraliza-o, na descaracterização de uma história que se pretende total, que propõe abarcar todos os acontecimentos e todas as interpretações possíveis.

Embora Veyne (1998) assuma um viés questionador de determinada perspectiva historiográfica, ele ainda discute sobre uma história eurocêntrica/ocidental. Esse discurso tende a apresentar diversos povos como um outro face ao europeu, em classificações e hierarquizações, como nas seguintes terminologias em diferentes períodos: primeiro, segundo e terceiro mundo; desenvolvidos e subdesenvolvidos ou em desenvolvimento; civilizados e bárbaros; pagãos e gentios; alfabetizados e ágrafos; e até povos com história, narrados pela historiografia e com escrita alfabética, e povos sem história, os quais seriam estudados pela antropologia, estando a historiografia restrita à hegemonia da versão eurocêntrica.

Tais imposições fundamentadas nas visões de estudiosos europeus e norte-americanos inferiorizam povos do leste europeu, da Ásia, de África, da Oceania e de parte das Américas, particularmente, as nações indígenas e seu modo de transmitir seus conhecimentos a partir da oralidade e de outras possibilidades para narrar suas histórias, ou seja, constituem uma sobreposição do norte global em relação ao sul. Essas outras concepções narrativas passam por outras ideias quanto à temporalidade, demarcada não por uma linearidade, mas por uma noção cíclica relacionada com os fenômenos da natureza e um passado reconstituído a partir da memória cultural, daquilo que é contado e recontado pelos mais velhos e, na contemporaneidade, escrito e divulgado por autoras e autores de diversos povos tradicionais.

A voz feminina contemporânea de Márcia Kambeba, veiculada por meio de poemas e fotografias, visibiliza a memória ancestral, ao mesmo tempo que demarca confrontos e hibridizações entre a cultura indígena e o ocidente, ao discutir temáticas contrastivas tais como: a aldeia e a cidade, a memória e a história, a oralidade/grafismos e a escrita alfabética, os indígenas e o homem branco (May-tini, em língua Kambeba) e os caboclos, a natureza, na visão indígena, e a “humanidade”, caracterizada pela perspectiva classificatória da colonialidade/modernidade (QUIJANO, 2005) entre o tempo da gota, que deu origem ao mundo, em um momento não datado, e o tempo histórico como uma tentativa de construção temporal cronológica marcada pelos esquecimentos, principalmente, das pessoas subalternizadas.

Diante dessas perspectivas, este trabalho examina os poemas “O tempo do clima”, “Gota pequena” e “Aldeia Tururucari-Uka”, a fim de analisar a conexão estabelecida pela escritora e por seu povo com o tempo da natureza (ANTILEO, 2019), a memória cultural (JECUPÉ, 2020) e a história (BENJAMIN, 1987), apontando a necessidade de abertura para a diversidade

de saberes e a autodeterminação histórica dos povos originários. Márcia Kambeba desenvolve uma poética que valoriza e visibiliza a cultura do povo Omágua/Kambeba, em contraposição ao olhar eurocêntrico, ao apresentar outras formas de narrar a história indígena, a partir de uma temporalidade atravessada por sua subjetividade artística e pela história e memória cultural de seu povo.

O tempo da natureza ancestral

O tempo, para os povos Indígenas, é uma divindade sagrada encarregada de manter a lei dos ciclos: as estações da terra e as estações do céu (JECUPÉ, 2020, p. 74).

Márcia Kambeba, em trecho da “Carta do Bem Viver”, escrita para sua falecida avó Assunta, identifica o confronto entre diferentes visões de temporalidades na forma de compreender e vivenciar o tempo: “Por aqui as coisas vão caminhando, obedecendo o *tempo da natureza*, no entanto, um pouquinho *mais acelerado que antes*” (KAMBEBA, 2020b, p. 51, grifo nosso). A escritora destaca ainda que o Bem Viver está relacionado à “dinâmica do *tempo indígena*, que é *circular*, e segue uma velocidade mais lenta que a sentida e percebida na cidade” (KAMBEBA, 2020b, p. 53, grifo nosso). Nessa carta, direcionada à avó, Márcia propõe uma estratégia para sobreviver e resistir a esse tempo da modernidade/colonialidade, do progresso e do desenvolvimento capitalista, marcado pelo morticínio (dos povos tradicionais e de todo o planeta). A poeta apresenta a sua estratégia de resistência a esse processo, fundamentada na complementaridade entre a natureza e a ancestralidade:

quando quero receber um conselho para tomada de decisões importantes *escuto a natureza* e lá, no silêncio guerreiro, consigo *lhe ouvir e ouvir meus ancestrais* porque é preciso silenciar para pensar na solução de *frear a máquina da destruição* que não pensa no outro, e, sim, no lucro (KAMBEBA, 2020b, p. 5, grifo nosso).

A escrita poética de Márcia Kambeba aponta para essa escuta da natureza, com uma temporalidade ligada aos ciclos da natureza, ao nascer e ao pôr do sol, às fases da lua, às estações, ao movimento dos corpos celestes, à cheia e vazante das marés e das várzeas, ou seja, a um tempo cíclico, não datado e anterior à humanidade. Esse tempo pode ser considerado infinito se comparado à existência de um ser humano, em sua finitude. Mesmo assim, o tempo da natureza, na concepção indígena, tem sido amplamente transformado pela velocidade das ações humanas, por interferências cada vez mais profundas no planeta, como as relacionadas ao aquecimento global.

Nessa proposição de outra temporalidade, de outras formas de narrar histórias e se relacionar com o planeta, para os indígenas e para a nação Omágua/Kambeba, o percurso poético empreendido por Márcia Kambeba traz em seu bojo poemas que interpretam a natureza como

reguladora temporal, em ciclos ou em período indeterminado. Essas características aparecem em poemas como “O tempo do clima” (KAMBEBA, 2021a), no qual o sol, a lua, o vento, a grama e a terra demarcam um tempo anterior ameaçado pela ação humana. Já em “Aldeia Tururucari-Uka” (KAMBEBA, 2018a), o sol, Euaracy, e a lua, Yaci, remetem à manhã como o momento de plantar e à noite para cantar, dançar e contar histórias, ou seja, para o cultivo de alimentos e de determinados hábitos. Se, nesses dois poemas, o astro e o satélite são os marcadores temporais, em “Gota pequena” (KAMBEBA, 2018a), os designativos de um outro tempo (da natureza e da memória) são a chuva, a gota, o rio, enfim, o ciclo das águas.

No que tange à natureza em sua temporalidade, a cosmologia Mapuche acerca do tempo, apresentada por Elisa Loncon Antileo (2019)⁵, torna-se útil para entender a perspectiva dos Omágua/Kambeba conforme o entendimento de Márcia Kambeba. Isso porque Antileo (2019) aponta outras possibilidades de percepção da temporalidade não demarcada pelo *cronos* ocidental, mas pelos ciclos da natureza, pelos movimentos dos corpos celestes, pelas fases da lua, pelas estações, pelas mudanças no território, em uma noção cíclica do tempo.

Sendo assim, esses fenômenos naturais, anteriores à existência dos seres humanos, não são integrados à narrativa histórica tradicional, ficando, outrossim, a cargo das ciências conhecidas como naturais, em uma visão ocidentalizada e em oposição às filosofias e às cosmologias dos povos indígenas. Nesse contexto, povos indígenas como os Omágua/Kambeba se reconhecem como parte do ciclo anterior a sua existência como humanos, em um tempo cíclico não datado, anterior aos seres humanos, considerado infinito se comparado à existência das pessoas em sua finitude.

A percepção de uma Terra que não é estática marca essa temporalidade, pois o ir e vir, o seguir e o retornar em um movimento constante e circular também caracterizam essa perspectiva temporal:

Os frutos tornam a amadurecer em cada verão, a primavera traz as flores em cada primavera, a terra deve descansar no outono, a água restaura a fertilidade e a pureza da terra no inverno. No ciclo, nada é estático, tudo está em movimento e esse movimento faz avançar o tempo. Como podemos ver, no tempo cíclico é vivido o permanente retorno; sempre voltando à origem, ao nascimento das coisas (ANTILEO, 2019, p. 73, tradução nossa)⁶

Anibal Quijano (2005), ao discutir acerca da colonialidade de poder na América Latina, constatou como a colonização das Américas fundou um padrão de poder mundial que se pretendeu universal. Um dos fundamentos dessa dominação se caracterizou na constituição de

5 Elisa Loncon Antileo é indígena chilena Mapuche, ativista dos direitos indígenas e linguista. Em maio de 2021, foi eleita presidenta da Assembleia Constituinte do Chile para formular uma nova Constituição, em substituição à Carta Magna aprovada durante o governo do ditador Augusto Pinochet.

6 “Los frutos vuelven a madurar en cada verano, la primavera trae las flores en cada primavera, la tierra debe descansar en el otoño, el agua devuelve la fertilidad y la purificación de la tierra en el invierno. En el ciclo nada es estático, todo está en movimiento y ese movimiento hace que el tiempo avance. Como vemos, en el tiempo cíclico se vive el permanente retorno; volver siempre al origen, al nacimiento de las cosas” (ANTILEO, 2019, p. 73).

uma classificação social baseada no investimento na ideia de “raça”, produzindo identidades novas a partir de diferenças fenotípicas. Esse processo classificatório, aliado a uma organização social patriarcal e ao controle do trabalho e dos recursos, fundamentou a essencialização dos povos conquistados, inferiorizando suas descobertas, seus modos de vida e seus saberes.

Walter Mignolo (2007), ao contrapor esse domínio essencialista e hierárquico, destaca a necessidade da desobediência epistêmica e política, do confronto aos ideais universalizantes eurocêntricos. É nesse contexto de exigência de autoafirmação e autodeterminação da identidade cultural Omágua/Kambeba que a produção de Márcia Wayna Kambeba ganha destaque em um processo de resistência ao silenciamento, ao epistemicídio e ao genocídio de seu povo e dos parentes indígenas, bem como de ressignificação dos saberes e das práticas ancestrais na contemporaneidade.

Entre esses conhecimentos, a poética de Márcia Kambeba evoca uma perspectiva temporal em contraponto à episteme eurocêntrica a partir de elementos como a natureza e a memória ancestral, conforme ilustra o poema “O tempo do clima”, que apresenta alguns aspectos da desobediência epistêmica e política:

E houve um tempo
 Em que dançavam as borboletas,
 Na grama verde pousavam para descansar
 E ouvir o canto do vento ecoar
 Houve um tempo em que o sol
 Brilhava mais forte,
 Clareando o caminho com paz e bem,
 Amadurecia o fruto,
 Não prejudicava ninguém

Houve um tempo
 Em que a terra, no seu esplendor,
 Alimentava o mundo com alegria e amor,
 Dela brotava a planta, tinha respeito e valor.

Houve um tempo
 Em que a lua virava Naiá,
 E o sol se escondia para essa dama brilhar.
 Na noite escura ela chamava as encantarias,
 Protetoras da mata, rio e mar.

Mas o homem, filho da terra,
 Que por ela foi moldado,
 Escravizado na arrogância,
 Dinheiro, um pecado,
 Secou o rio, retalhou a terra,
 Deixou tudo mudado

Espantou os animais,
Enganou os encantados,
Arrancou a samaumeira.
E os pássaros desesperados
Procuraram uma morada,
Só viram um descampado

[...]

Sinto cheiro de poluição,
Envenenando a nação.
Para ajudar o clima,
Precisamos do tempo,
Só o velho ancião
Pode controlar a máquina da destruição
(KAMBEBA, 2021a, p. 71-73).

O mote do poema é “houve um tempo” para designar algo não limitado ao humano, inclusive abarcando-o, caracterizado por um cosmo em equilíbrio e por uma noção de coletivo que se contrapõe à personificação e individualização de um homem caracterizado pela arrogância, por uma postura de superioridade face àquilo que o cerca e, além, forma-o. Em contraste, as borboletas, o sol, o vento, o fruto aparecem como marcadores temporais, como representantes de um ciclo constituído pela transformação e pelo movimento. Particularmente, as borboletas simbolizam a metamorfose, ideia presente em grafismo dos Omágua/Kambeba e também útil para pensar as transformações da cultura desse povo a partir da produção artística de Márcia Kambeba.

O tempo caracterizado nesse poema e na obra de Márcia Kambeba estaria apenas no passado? Por um lado, é possível notar que ainda vemos as borboletas, a grama e sentimos o vento. Mas há também a constatação de que existe menos verde e borboletas, o ar está cada vez mais poluído, e a circulação do vento é barrada por edificações. Ailton Krenak (2020, p. 37) aponta como esse é “um tempo antes do tempo”, presente nas narrativas de diversos povos indígenas, um período não datado, no qual mulheres e homens estavam conectados à natureza, não a reconhecendo ou a utilizando apenas como recurso, período no qual não havia a distinção entre a Terra e a humanidade.

No corpo do poema, três aspectos principais caracterizam um período indeterminado presente nas primeiras estrofes. Primeiro, a natureza em sua beleza e harmonia com borboletas dançando e alimentos disponíveis. Segundo, os sentimentos ou as relações estabelecidas com a natureza, sem prejuízo e vivenciando alegria, amor e respeito. O terceiro aspecto está relacionado a um mundo construído valorizando os signos do feminino, sem uma hierarquização na relação com o masculino.

A harmonia entre feminino e masculino no poema pode ser vislumbrada nos versos: “Houve um tempo/ Em que a lua virava Naiá,/ E o sol se escondia para essa dama brilhar”

(KAMBEBA, 2021a, p. 71). Naiá é uma indígena jovem e virgem de narrativas dos povos da Amazônia, que vivia admirada e enamorada pela lua, Yaci, vivendo na expectativa do pôr do sol para encontrar sua amada. Naiá esperava ser uma das jovens escolhidas por Yaci para virar estrela e dançar no céu junto com ela. Certo dia, Naiá vê o reflexo de Yaci no lago, pensa estar vendo a própria lua, se joga na água, se afoga e é transformada por Yaci na vitória-régia, podendo, assim, dançar todas as noites com sua amada.

O homem apresentado nesse poema está presente em vários outros textos de Kambeba. Mas quem é esse homem? Ele é “filho da terra,/ Que por ela foi moldado”. Não é alguém com outra imanência, mesmo que, historicamente, o “homem ocidental” venha se colocando como superior ao se apresentar como civilizado, racional e humano, ao mesmo tempo que questionava a cultura, a racionalidade e a humanidade dos não europeus, dos não brancos. Ailton Krenak (1999), ao tratar da chegada dos europeus ao continente americano e do encontro com os povos indígenas, conta as profecias de variados povos sobre o retorno (um reencontro) de um irmão que tinha se afastado, aprendido outras linguagens e desenvolvido outras tecnologias. Mas esse homem, que também é filho da terra, em seu ideal de poder capitalista colonial/moderno, de saber unívoco disfarçado sobre as nomenclaturas de racionalidade e ciência, foi “Escravidado na arrogância” (KAMBEBA, 2021a, p. 71) e vê no dinheiro um valor maior que a vida no e do planeta. Esse homem é prisioneiro de sua insolência, de sua soberba em relação àquilo que crê saber e ser capaz de fazer, colocando-se como superior ao meio ambiente e a todos os outros seres. Por fim, esse homem do poema representa a branquitude capitalista, patriarcal, heteronormativa e cristã.

Em uma espécie de confronto sobre quem é esse homem, se destaca a questão: quem são essas mulheres? A narrativa sobre Naiá demonstra a indiferenciação entre a indígena e a vitória-régia, entre a mulher e a natureza enamoradas, enquanto Yaci é a lua que remete às encantarias e aos encantados:

termo usado por indígenas e caboclos; refere-se aos seres animados por forças mágicas ou sobrenaturais. Significa também habitantes do céu, das selvas, das águas ou dos lugares sagrados (GRAÚNA, 2010).

Essas mulheres também estão representadas pela própria poeta, por Márcia Kambeba, que faz parte dos filhos da terra e integra o povo das águas, os Omágua/Kambeba. A escritora vivencia um contexto totalmente adverso para as mulheres indígenas, no qual elas não são escutadas, são silenciadas e sofrem todo tipo de violência.

Márcia Kambeba escreve seus poemas percorrendo sobre a ancestralidade de seu povo, ao mesmo tempo que mostra em suas fotografias a presença de anciões, de mulheres e homens adultos e de crianças apontando para um futuro dos Omágua/Kambeba, visibilizando uma comunidade viva no presente da qual ela é uma das vozes. No entanto, esse porvir apresentado pela escritora precisa ser compreendido a partir da reflexão de Ailton Krenak: “O futuro é

ancestral. Ele é tudo que já existiu. Ele não é o que tá lá, em algum lugar. É o que está aqui” (KRENAK *apud* NUNES, 2021).

Nas fotografias feitas por Márcia, documento e arte retratando o seu povo, o cenário preferencial é a aldeia. A comunidade Kambeba aparece cercada pelo rio ou pelas matas, em muitos momentos apresentando-os integrados ao ambiente. Para além de uma integração como moradores de um local, a terra é projetada como um território ancestral, a natureza aparece como um ancestral e apresenta um futuro possível: “Os ameríndios e todos os povos que têm memória ancestral carregam lembranças de antes de serem configurados como humanos” (KRENAK, 2020).

De quais tempos a voz poética está falando? O primeiro, o tempo da natureza, o tempo no qual os seres humanos ainda não eram capazes de causar profundas mudanças na geologia da terra. Segundo, o tempo marcado pela grande interferência do homem, que pode ser compreendido a partir da proposição de Paul J. Crutzen, Prêmio Nobel de Química em 1995, sobre o período caracterizado como *Anthropocene*. No entendimento de Crutzen (2006), o antropoceno constitui uma nova era geológica iniciada com o desenvolvimento do motor a vapor. Sendo assim, o antropoceno é caracterizado pelos avanços nas tecnologias e na medicina, que prolongaram a vida dos seres humanos e aumentaram as áreas de exploração do planeta, não havendo parte da Terra que não tenha sido alcançada. Esse período é marcado por maior urbanização, aumento da utilização de combustíveis fósseis, destruição progressiva das florestas, aumento das áreas plantadas com a utilização de agrotóxicos e fertilizantes à base de nitrogênio, ampliação das criações de gado, recorrência das precipitações ácidas que prejudicam florestas e rios, destruição da camada de ozônio (CRUTZEN, 2006). Essas circunstâncias e situações denotam uma catástrofe geológica causada pelo homem em seu projeto de progresso predatório, que pode ser vislumbrada na poética de Márcia Kambeba.

Ailton Krenak (2020) se apropria do termo cunhado por Paul Crutzen, para pensar a questão indígena e a relação estabelecida com a Terra na contemporaneidade. Na visão de Krenak (2020), o Antropoceno advém do processo de colonização como constituinte de uma visão de mundo marcada pela construção da ideia de humanidade hierarquizada e separada da Terra. Essa imposição e separação daquilo que é humano em relação ao organismo, que é o planeta, caracterizam tanto a marcha de devastação como a exclusão dos povos tradicionais, por terem outra forma de se relacionarem com a Terra. Assim, o tempo da natureza vivenciado por diversos povos indígenas é menosprezado nessa ideia moderna de humanidade.

Terceiro, é apresentado no poema o tempo como a personificação de um ancião. Esse ser mais velho pode ser compreendido em duas perspectivas: por um lado, como um encantado, representante de algo sagrado, uma força presente na origem; por outro, como a própria

ancestralidade, a memória ancestral. A memória ancestral aparece como forma de resistência a essa máquina devastadora, como potência que “Pode controlar a máquina da destruição” (KAMBEBA, 2021a, p. 71).

O tempo no poema aparece como um antes, um durante e um para além. O antes não como um passado histórico, mas um anterior àquele “homem”, sendo demarcado por outros seres, por outros fenômenos prévios à existência e à interpretação humana sobre a temporalidade. Um tempo durante a intervenção daquele homem, representativo de um sistema capitalista colonial/moderno, que acredita estar separado da natureza, podendo assumir o controle sobre ela e mitigar ou reverter os danos causados, mantendo a mesma lógica de exploração, produção e consumo. E um tempo para além do homem autossuficiente representante da globalização, caracterizada por Quijano (2005, p. 117) como “a culminação de um processo que começou com a constituição da América e do capitalismo colonial/moderno e eurocentrado como um novo padrão de poder mundial”, um sistema que tem como uma de suas características a separação entre o humano e a natureza, tratada apenas como recurso, mercadoria.

Ailton Krenak (2020) tece uma crítica de como nesse contexto se constitui o mito da sustentabilidade. Entre outros motivos, o escritor denomina de mito essa relação com o planeta, a economia e a produção, pois essa idealização é construída em um “mundo de mercadoria e consumo” (KRENAK, 2020, p. 55), aliado a um sistema educacional que incute nas crianças ideias para a manutenção desse modelo destrutivo que direciona “as escolhas de jovens que vão fazer especializações em universidades” (KRENAK, 2020, p. 56), levando-os a ficar cada vez mais convencidos da manutenção desse paradigma que devora o mundo, ou seja, convictos de poderem sustentar um modelo egoísta de exploração que tem se mostrado insustentável.

Nessa perspectiva, a poética de Márcia Kambeba apresenta, em “O tempo do clima”, uma discussão que conecta o tempo e o clima. A partir do tempo, a voz poética apresenta a perspectiva de múltiplos povos tradicionais, inclusive da nação Omágua, sobre um universo que não é caracterizado pela “indústria” (nem pelo homem), nem pela “máquina de destruição” (KAMBEBA, 2021a, p. 73), de extinguir mundos, como no genocídio dos indígenas e na extinção de muitas espécies da flora e da fauna. Todavia, o poema também se abre para o exame da questão do clima, um conceito da Geografia, a fim de refletir sobre as condições climáticas, mais ou menos estáveis, mas que têm sido modificadas pela ação humana.

Na junção de duas formas de discurso, de duas epistemes diferentes sintetizadas nos versos, “Para ajudar o clima/ Precisamos do tempo” (KAMBEBA, 2021a, p. 73), a ciência é apresentada (pelo clima) em suas limitações de compreensão sobre a vida, demonstrando a necessidade de ser ajudada, de ser questionada, confrontada e amparada por outros saberes como o do tempo da natureza, o ciclo do qual mulheres e homens fazem parte:

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade e nos alienamos desse organismo de que somos parte, a Terra, passando a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo que exista algo que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza (KRENAK, 2020, p. 44).

A gota-tempo na memória ancestral

Os ameríndios e todos os povos que têm memória ancestral carregam lembranças de antes de serem configurados como humanos (KAMBEBA, 2020).

A construção poética de Márcia Kambeba acerca de um tempo originário e cíclico, aqui chamado de tempo da natureza, pode ser aprofundada a partir do poema “Gota pequena”:

A chuva caiu de repente
Molhou o jenipapo
Pintura de gente
Pintura de amor
Bate no coração
Barulho de chuva, canção
Eu sou a gota pequena
Que brota serena dos olhos do rio
Da gota me desfiz
Emergi, resisti
Sou o povo das águas
Desse rio eu nasci
Lá vem a gota pequena
Trazendo a tinta
Quer na folha escrever
São letras de luta e memória
Sujeito da história
Deixe o tempo correr (KAMBEBA, 2018a, p. 67).

A gota remete a uma volta à origem, pois não está relacionada apenas a alguma figura de linguagem, a uma metáfora ou uma metonímia, mesmo que também represente a parte de um todo que é o rio, a natureza, e apresente uma imagem para caracterizar a relação Omágua/Kambeba com as águas, seja ao demonstrar habilidade na navegação, seja ao residir próximo do rio para utilizar sua água na agricultura. Essa gota é a ancestralidade Kambeba. Todavia, ela aparece multifacetada, não essencializada, como povo, memória ancestral, grafismo e como escrita alfabética e narrativa histórica, sendo muito mais que um motivo poético em função dos inúmeros sentidos que tem para os Omágua/Kambeba.

Na história da origem Omágua, os mais velhos contam que a ancestralidade desse povo se relaciona com a gota d'água e a samaumeira, como árvore da vida. Nessa narrativa da gota pequena, antes de serem homens e mulheres, os Omágua foram gota d'água. Vários autores indígenas como Davi Kopenawa (KOPENAWA; ALBERT, 2015) e Ailton Krenak (2020),

respectivamente, um Yanomami e um Krenak, apresentam como diversos povos ameríndios reconhecem que têm ancestrais não humanos, que antes de terem a forma humana eles foram outros seres da natureza:

Ao contar sua história, um índio, um clã, uma tribo, parte do momento em que sua essência-espírito permeou a terra e relata a passagem dessa essência-espírito pelos reinos vegetal, mineral e animal. Há tribos que começaram sua história desde quando o clã era formado por seres do espírito das águas, outras trazem sua memória animal como início da história, e há aqueles que iniciam sua história a partir da árvore que foram (JECUPÉ, 2020, p. 20).

A gota é essa essência-espírito para o povo Omágua/Kambeba. Márcia Kambeba demonstra que não está tratando de lendas ou mitos sobre seu povo, pois a narrativa da gota é a história do povo Kambeba, de sua ancestralidade, contada a partir dos poemas da multiartista. Assim, os ancestrais Kambeba não são apenas humanos, são também outros seres da natureza. Sua ancestralidade remete ao ciclo das águas, à gota de chuva que cai, molha a árvore e fecunda a terra. Essa gota remete ao ritmo da natureza. Não são as ações humanas que estão postas em destaque, mas um fenômeno da natureza pondo em movimento o mundo a partir da queda, da precipitação representativa do ciclo das águas. A precipitação pluvial segue o ritmo natural estabelecido pelo ciclo das águas, pela sazonalidade, estando relacionado ao plantio e à colheita, às cheias e às vazantes dos rios.

A poética de Márcia Kambeba demonstra como essa ancestralidade integra seu povo ao tempo da natureza a partir do ciclo hidrológico, da chuva e do rio. A referência ao fluvial é também uma metonímia da natureza indicando o movimento, a desestagnação. A memória ancestral ligada à natureza se apresenta como impossível de estabelecer uma cronologia, de localizar em documentos ou de relacionar a fatos concretos, questionando a noção de tempo e de historiografia ocidental:

O Ocidente, ao contrário dos povos indígenas, desenvolveu o tempo que leva ao “progresso”, gerou a matemática do tempo e as tecnologias para medi-lo; parafraseando Gaínza, esta noção é separada da natureza e tem um propósito produtivista, é o tempo mais rápido da economia e dos negócios, mas destrói a natureza e a despoja de outras formas de vida (GAINZA, 2019, p. 18 *apud* ANTILEO, 2019, p. 74).⁷

Em seus poemas, Márcia Kambeba questiona essa ideia de progresso ao destacar a memória e a história oral, relatando o tempo climático, repentino, que apresenta algo não controlado pelas ações humanas, pela ideia de desenvolvimento baseado em um sistema produtivo. O

⁷ “Occidente, a diferencia de los pueblos indígenas, desarrolló el tiempo que conduce al “progreso”, generó la matematización del tiempo y las tecnologías para medirlo; parafraseando a Gaínza, esta noción está separada de la naturaleza y tiene un propósito productivista, es el tiempo más rápido de la economía y de los negocios pero destruye la naturaleza y despoja de ella las otras formas de vida” (GAINZA, 2019, p.18 *apud* ANTILEO, 2019, p. 74).

surgimento da nação Omágua/Kambeba aponta para a temporalidade do “de repente”, a partir de um tempo não determinado, mas que remete à memória e à história dessa nação ligada à natureza.

A conexão entre a memória ancestral e a natureza, na escrita de uma mulher indígena contemporânea, conduz a pensar na Terra como um único organismo formado por tudo que existe nela. Esse organismo constituinte do mundo aparece no poema a partir dos ouvidos que escutam o barulho da chuva, dos corações e das bocas que se unem transformando esse som em canção, dos olhos do rio que dão a possibilidade de enxergar ao refletir a “essência-espírito” dessa nação (JECUPÉ, 2020, p. 20). A canção da chuva e do coração dos Kambeba segue o mesmo ritmo. Esse é o corpo-Kambeba, como povo, nação, cultura e identidade, e corpo-natureza, como cosmo, integração das partes em um todo, em um sistema interligado e organizado. Desse modo, o corpo-Kambeba e o corpo-natureza, se não são iguais, idênticos, são sinônimos, são as mães e os filhos, os parentes, as famílias, são uma continuidade e não ruptura: “Em essência, o índio é um ser humano que teceu e desenvolveu sua cultura e sua civilização de modo intimamente ligado à natureza” (JECUPÉ, 2020, p. 19).

Na compreensão dessa formação corporal, dessa ancestralidade relacionada aos ciclos da natureza, o coração recebe as batidas da chuva e realiza suas próprias batidas em resposta, bombeando sangue por veias e artérias. A circulação sanguínea, ao irrigar o organismo, de certo modo, remete ao rio que corre. O sistema circulatório, em sua ação cíclica, se aproxima da imagem do ciclo hidrológico do qual a chuva e o rio são representantes.

A gota pequena é a gota-tempo, desde o princípio, como memória cultural do povo Omágua/Kambeba, constituindo uma temporalidade anterior à cronologia, um tempo não aprisionado pelo ideal de racionalizar e objetificar todas as coisas. Dessa maneira, a gota de chuva está relacionada à cosmogênese dessa nação. Antes de serem mulheres e homens, foram chuva. De modo semelhante, a gota de chuva que origina o cosmo para esse povo cria o microcosmo no texto poético de Márcia Kambeba, em virtude de o poema remeter à forma como os antepassados, anciãos do povo Omágua/Kambeba, contam a história dessa nação com a ideia de pertencimento à natureza, sendo a existência como pessoa apenas uma parte desse ciclo.

Kaká Werá Jecupé (2020) defende a ideia de que o tempo cronológico da historiografia é uma invenção, não um fato inexorável. Desse modo, a história da gota pequena retoma um momento anterior a essa demarcação temporal, à violência da imposição da historiografia ocidental como única forma verdadeira de narrar, já que “essa memória cultural [dos povos indígenas], por ser muito diferente de sua ideia de história, os estudiosos chamaram ‘mitos’” (JECUPÉ, 2020, p. 15). Nesse sentido, os poemas de Márcia Kambeba se inserem nessa luta pelo direito à diferença, pela escuta e pelo reconhecimento das narrativas dos povos autóctones.

A forma primordial de transmissão dessa história iniciada pela gota e que constitui a memória cultural do povo Omágua é a tradição oral, “que é a forma original da educação nativa” (JECUPÉ, 2020, p. 20). As narrativas são recontadas ao pé da fogueira pelos anciãos, tendo cada membro do povo como guardião e multiplicador desse saber ancestral passado pelas mães e pais, pelos avôs e avós: “Um narrador da história do povo indígena começa um ensinamento a partir da memória cultural de seu povo, e as raízes dessa memória cultural têm início antes de o tempo existir” (JECUPÉ, 2020, p. 33).

O poema e a cosmologia iniciada pela chuva, pela gota d’água, estão em consonância com uma das autodenominações desse grupo como o povo das águas. Essa gota que se expande e gera um povo é parte de um todo, de um ciclo, de um rio. Ela pode ser chamada de gota-tempo, pois aponta para outra perspectiva narrativa da história, um período não documentado, não registrado pela escrita alfabética, um tempo da memória, da fluidez da oralidade, do diálogo, da repetição para fixar.

Kaka Werá Jecupé (2020), em *A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio*, apresenta a possibilidade de outras formas de contar e de escrever a história, inclusive com o protagonismo indígena e com outra caracterização desses povos como história, ou melhor, como memória viva:

Tupi, Guarani, Tupinambá, Tapuia, Xavante, Kamayurá, Yanomami, Kadíweu, Txukarramãe, Kaingang, Krahô, Kalapalo, Yawalapili.

[...]

São a memória viva do tempo em que o ser caminhava com a floresta, os rios, as estrelas e as montanhas no coração e exercia o fluir de si (JECUPÉ, 2020, p. 19).

Assim, a tradição oral milenar indígena questiona a história contada pelo colonizador e seu fundamento como estatuto de verdade, de ciência, mas que se realiza como discurso, como seleção interessada por parte dos grupos hegemônicos e do historiador, dos vencedores dos quais ele quer fazer parte e se faz porta-voz (BENJAMIN, 1987).

O avanço do poder colonial representa um retrocesso para os povos residentes na várzea Amazônica, em vista de morte por epidemia, de escravização e de dominação (PORRO, 1992). Essa parte da história amazônica relatada por Antônio Porro (1992) pode ser lida à luz de uma das teses sobre a história de Walter Benjamin (1987), em sua crítica à ideia de progresso embutida na historiografia que segue sobre as ruínas, sobre a morte, sobre a devastação com o olhar fixo no futuro como avanço, como progressão. Enquanto isso, se amontoam cadáveres e se configura uma barbárie fundamentada em estratégias de opressão. Essa fé no progresso, essa visão positivista, colocou a história em marcha como uma tempestade que destrói tudo a sua

volta, sendo inclusive uma das justificativas para a colonização, a suposição de que levavam o desenvolvimento e a civilização para outros povos.

No contexto brasileiro e, particularmente, na região Amazônica, onde historicamente reside o povo Omágua/Kambeba, a história dessa nação é narrada por cronistas do período colonial como Carvajal, Cristóbal de Acuña, Ouvidor Sampaio, Samuel Fritz (PORRO, 1992; POVOS INDÍGENAS NO BRASIL, 2007). Esses documentos coloniais são monumentos da barbárie travestida de progresso, como diria Benjamin (1987, p. 225), pois “todos os bens culturais que ele [o materialista histórico] vê têm uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror”. Conforme o entendimento do filósofo, o investigador historicista, comumente, se alia ao vencedor, aquele que realiza um projeto de dominação.

A história que ainda está para ser escrita é outro aspecto fundamental nas reflexões de Antônio Porro (1992). Essas histórias que ainda necessitam ser contadas, dos vários povos indígenas no período do Brasil colônia, reverberam no reconhecimento de como essas narrativas foram suprimidas pela dizimação, pela desvalorização da tradição oral como relato histórico e por não serem os próprios indígenas a escrever sobre si.

Márcia Kambeba, em sua escrita e no registro fotográfico, apresenta o esforço coletivo da Gota, do povo das águas, pois a sua produção artística é feita a partir de saberes, da cultura e da história do povo Omágua/Kambeba, contrapondo-se à história contada por historiadores subservientes àqueles que estão no poder. A voz poética, em “Gota pequena”, apresenta a necessidade de escrita da própria história em uma ação de resistência a partir da memória: “São letras de luta e memória/ Sujeito da história/ Deixa o tempo correr” (KAMBEBA, 2018a, p. 67).

Ademais, o poema “Gota pequena” também sinaliza outra forma narrativa que sintetiza os saberes culturais dos povos originários, os grafismos, ou seja, uma escrita não alfabética, uma “comunicação milenar” desvalorizada pelo ocidente, mas que conta a história de um povo e transmite sua identidade: “Os grafismos são formas de comunicação entre os povos. Existe grafismo para o nascimento, para a passagem para a vida adulta, para o casamento, para a morte” (KAMBEBA, 2020a, p. 46). A pintura corporal representa uma sabedoria ancestral, uma referência a experiências milenares, já que essa expressão artística não é apenas um adorno para o corpo. Os Omágua são constituintes dessa representação artística. São os autores, os pintores, são também o suporte material, a tela desse fazer, pois, conforme Kambeba (2020, p. 49), os “grafismos são marcas do espaço-tempo em nós, contam histórias, e desenhá-los na pele é dar espaço para a história falar”.

Os poemas de Márcia Kambeba são representativos de outras possibilidades de narrar a história de um povo. A oralidade, os grafismos e a memória ancestral desvalorizados pela historiografia ocidental são apresentados como fundamentais para a constituição desse quadro narrativo, dessa outra história possível para os ameríndios.

Ao mesmo tempo que retoma os saberes e práticas ancestrais, Kambeba se apropria de tecnologias ocidentais contemporâneas para produzir e divulgar sua arte, tais como a linguagem alfabética, a língua portuguesa, a literatura, a internet e as redes sociais, que são rasuradas para comunicar, narrar suas histórias, divulgar a memória cultural de seu povo para além das aldeias. Essas estratégias utilizadas pela autora se configuram como a gota que se desfaz assumindo ferramentas que não são tradicionais, como a escrita alfabética na folha de papel, ao mesmo tempo que emerge e resiste ao usar essas representações para se identificar como gota, como povo das águas, como Omágua/Kambeba.

A escrita proposta no trabalho poético de Márcia Kambeba se relaciona à inserção dos Omágua/Kambeba na historiografia, não pelo viés da história oficial, mas pelo que são: “letras de luta e memória” (KAMBEBA, 2018a, p. 67), evidenciando os conflitos e a necessidade de resistir ao massacre perpetrado pelo projeto colonialista. Essas letras são parte da memória dos mais velhos, dos antepassados em seus saberes, de conhecimentos que podem ser reelaborados no presente e transformados continuamente na memória e na escrita de quem os conta. A escrita de Kambeba traz a voz da memória dos ancestrais dos Omágua/Kambeba, dizimados e impedidos de expressarem sua cultura, de se identificarem como integrantes desse povo, de falarem em sua língua.

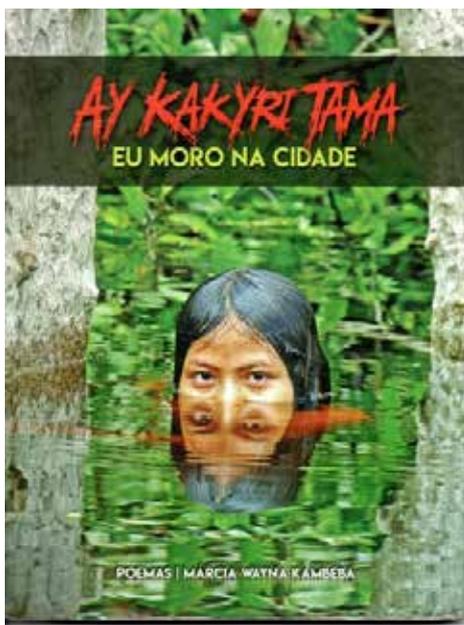
Desse modo, o poema “Gota pequena” segue o percurso de transformação da gota (de chuva para a de tinta, do suporte da pele para o papel, sem que se excluam), que é também a história da cultura Omágua/Kambeba em constante movimento, como o rio em sua nascente na memória ancestral, na tradição oral, na poeticidade, na influência dos encantados (KAMBEBA, 2018b). Sobretudo, na elaboração de novas formas de existir, como na utilização da escrita literária de Márcia Kambeba, que de certo modo aponta outros rumos, outros rios navegáveis para a arte literária e para a historiografia indígena.

A poética de Kambeba apresenta, inclusive, uma fricção nas fronteiras entre o literário e o documental, já que a apreensão de seu trabalho de criação passa necessariamente pela sua atividade como fotógrafa. O registro, a historicização do povo Omágua em sua produção acontece pela confluência de imagem e palavra, principalmente, no livro *Ay Kakyri Tama* (2013; 2018a), conduzindo a pensar na dificuldade de distinção entre a literatura e a historiografia, ao imbricar poemas e fotografias, arte e documentação, texto literário e pesquisa acadêmica.

Na contemporaneidade, o olhar crítico sobre *Ay Kakyri Tama* (2013; 2018a), de Márcia Kambeba, perpassa a noção de hibridismo, como se pode depreender da interpretação de Florencia Garramuño (2014) em relação ao tensionamento da visão puramente formalista na crítica literária contemporânea. Segundo Garramuño (2014), os textos literários têm cada vez mais se articulado com outras formas de arte e de narrativas, levando a questionar a qual gênero pertence determinado texto, constatando-se, cada vez mais, o apagamento das fronteiras entre discursos.

Dessa forma, as fotografias apresentadas por Márcia Kambeba com os poemas são tanto documentos sobre seu povo como uma produção estética, poética, configuradas pelo seu olhar para esse contexto. A capa do livro *Ay Kakyri Tama* (2018a) pode ilustrar essa característica da produção da poeta, fotógrafa e geógrafa. Na figura abaixo, a jovem indígena aparece como se fosse a representação da gota apresentada na poética de Kambeba, ao mesmo tempo que constitui registro de uma integrante do povo, demonstrando a existência atual dos Omágua/Kambeba:

Figura 1: Capa do livro *Ay Kakiri Tama*



Fonte: KAMBEBA, 2018a

A integração entre a jovem e a paisagem traduz a junção de dois aspectos, da natureza e da ancestralidade. O tempo da natureza e a memória ancestral estão bem caracterizados no poema “Aldeia Tururucari-Uka”:

Euaracy quando desperta
Seus raios vêm nos saudar
Mostrando que o dia começa
É hora de trabalhar
[...]

Diz o Tuxaua maior
O Kambeba é povo agricultor
Não se pode deixar de plantar
Escolheu São Tomé como protetor
Para que tivesse boa colheita
Nesse santo se apegou
[...]

À noite Yaci se aproxima
Chamando o povo para ensinar
O que os mais velhos deixaram

Manifestado na forma de cantar
Nas danças que representam
A cultura imaterial, nossa herança milenar
(KAMBEBA, 2018a, p. 34-35).

A aldeia homenageada no título localiza-se no município de Manacapuru, no Amazonas, tendo o nome de Tururucari, um Tuxaua que é designativo da liderança, da organização política desse povo e de um símbolo da sabedoria depositado no ancião, hoje venerado como um encantado. Euaracy, o sol, e Yaci, a lua, são apresentados em sua função de reguladores temporais da vida na aldeia, mais além reconhecidos como encantados, entes sagrados, a partir da utilização de seus nomes em língua indígena. Nessa perspectiva, a escrita de Márcia Kambeba nos conduz a um mergulho no cotidiano de seu povo, em um só movimento, pois, ao evocar Euaracy e Yaci, apresenta outra língua, outro modo de vida e outra relação com o tempo.

Euaracy é designado a fim de apresentar o despertar para iniciar as atividades do dia, o trabalho como agricultores. Yaci aparece como a aproximação da noite e do momento de aprender com os mais velhos, de cantar e de dançar, é o momento de aprendizado das histórias, dos costumes e de festejar. Já que a vida não pode ficar restrita ao trabalho, à obtenção de alimento para o corpo, Márcia Kambeba demonstra como, durante a noite, o povo Omágua/Kambeba busca alimento para seu espírito.

Considerações finais

Márcia Kambeba, uma voz indígena e feminina, visibiliza na contemporaneidade a memória ancestral do seu povo. Por meio de sua subjetividade, revive e transforma a ancestralidade do povo Omágua/Kambeba. A produção da escritora confronta os preconceitos e estereótipos sobre os povos indígenas, ao narrar suas histórias e ao registrar seu povo pela escrita e por imagens. A autoria de Márcia Wayna Kambeba constitui a afirmação da sua identidade Omágua/Kambeba, pois seus poemas e suas fotografias valorizam e documentam essa comunidade, na relação com a natureza, a cosmologia e a história do povo, fornecendo subsídios para a compreensão de outras formas de se relacionar com a Terra e com nossa história como parte desse organismo. Em contraposição a esse universo, o modo de produção capitalista e a história contada pelo ponto de vista eurocêntrico tentam restringir o olhar indígena, colocando como única possibilidade determinado ideal unívoco de civilização e de progresso. A poética de Kambeba aponta para a diversidade, a pluralidade, mesmo entre os povos indígenas, como saída e forma de resistir a esse ideário destrutivo presente na concepção de modernidade/colonialidade.

A construção de um fazer artístico fundamentado na ancestralidade, na natureza e na diversidade são facetas apresentadas por Márcia Kambeba em sua criação, permitindo tanto o confronto com o projeto genocida e epistemicida do homem branco, quanto o chamamento para que ele vivencie outro modo de perceber e de viver, e possa interromper seu processo de destruição do planeta. Assim, Márcia Wayna Kambeba escreve sobre e para os parentes

indígenas, mas também pretende dialogar com outros grupos, a fim de visibilizar e valorizar a cosmogonia a partir da natureza, da ancestralidade e das gotas de histórias, do povo e da Terra, na construção de possibilidades narrativas diversas, múltiplas.

Referências

ANTILEO, Elisa Loncon. Una aproximación al tiempo, el pensamiento filosófico y la lengua mapuche. *Árboles y Rizomas*. Universidad de Santiago de Chile, v. I, nº 2, p. 67-81, julio-diciembre, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.35588/ayr.v1i2.4087>. Acesso em: 14 de Jul. 2020.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

CRUTZEN, P. J. The Anthropocene. In: EHLERS, E; KRAFFT, T. (eds.). *Earth System Science in the Anthropocene*. Berling: Springer, 2006, p. 13-18. Disponível em: <https://link.springer.com/book/10.1007/b137853>. Acesso em: 22 de nov. 2021.

GARRAMUÑO, Florencia. *Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea*. Trad. Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2014.

GRAÚNA, Graça. *Criaturas de Ñanderu*. Barueri: Manole, 2010.

JECUPÉ, Kaka Werá. *A terra dos mil povos*. São Paulo: Peirópolis, 1998.

KAMBEBA, Márcia Wayna. *Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade*. 2. ed. São Paulo: Pólen, 2018a.

KAMBEBA, Márcia Wayna. Literatura indígena da oralidade à memória escrita. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018b. p. 39-44. Disponível em: <http://atempa.org.br/wp-content/uploads/2020/09/Literatura-indígena-contemporânea-Livro-.pdf>. Acesso em 10 de nov. de 2021.

KAMBEBA, Márcia Wayna. *O lugar do saber*. São Leopoldo: Casa Leiria, 2018c.

KAMBEBA, Márcia Wayna. *Saberes da floresta*. São Paulo: Jandaíra, 2020a.

KAMBEBA, Márcia Wayna. De Márcia Kambeba para sua avó Assunta (em memória). In: COSTA, Suzane Lima; XUCURU-KARIRI, Rafael (orgs). *Cartas para o bem viver*. Salvador: Boto-cor-de-rosa livros arte e café / paraLeLo13S, 2020b, p. 51-54.

KAMBEBA, Márcia Wayna. *O lugar do saber ancestral*. 2ª ed. São Paulo: UK'A editorial: 2021a.

KAMBEBA, Márcia Wayna. *Kumiça Jenó*. Underline Publishing LLC, 2021b.

KRENAK, Ailton. O eterno retorno do encontro. In: NOVAES, Adauto (Org). *A outra margem do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 23-32.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Editora Schwarcz S.A, 2019.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce, DAVI. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu/PR, 1 (1), p. 12-32, 2017. Disponível em: encurtador.com.br/dklsQ. Acesso em: 28 de maio de 2021.

NUNES, Mônica. O belo documentário “Pisar suavemente na terra” aponta caminhos para o futuro da Amazônia a partir do olhar indígena e ancestral. *Conexão Planeta*, 3 de setembro de 2021. Disponível em: <https://conexaoplaneta.com.br/blog/o-belo-documentario-pisar-suavemente-na-terra-aponta-caminhos-para-o-futuro-da-amazonia-a-partir-do-olhar-indigena-e-ancestral/>. Acesso em: 24 de nov. de 2021.

PORRO, Antônio. História indígena do alto e médio amazonas séculos XVI a XVIII. In: *História dos índios no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Educação e Cultura; FAPESP, 1992, p. 175-196. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/historia>. Acesso em: 20 de maio de 2021.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. *Kambeba*. Artigo escrito por Benedito Maciel. PIB, dezembro de 2007. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kambeba>. Acesso em: 21 de fev de 2020.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social: In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições ALMEDINA. SA, 2009, p. 73-117. Disponível em: <http://www.mel.unir.br/uploads/56565656/noticias/quijano-anibal%20colonialidade%20do%20poder%20e%20classificacao%20social.pdf>. Acesso em: 25 de maio de 2020.

QUIJANO, ANIBAL. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, set 2005, p. 227-278.

SILVA, Márcia Vieira da. *Reterritorialização e identidade do povo Omágua-Kambeba na aldeia Tururucari-Uka*. (Dissertação de Mestrado – Mestre em Geografia). Manaus, AM: UFAM, 2012. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/3978>. Acesso em: 18 de dez 2019.

VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*. 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

VON MARTIUS, Karl Friedrich, & RODRIGUES, Jos Honrio. Como se deve escrever a História do Brasil. *Revista de História de América*, no. 42, 1956, p. 433-458. JSTOR, Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20137096>. Acesso em 20 jul. 2021.